

Entre a Decência Democrática e a Corrupção Demagógica

Está iniciada a campanha eleitoral que, a 3 de Outubro do ano corrente, vai levar à escolha do novo governador do Estado. Dois candidatos se defrontam: o sr. Peracchi Barcellos, pela Frente Democrática, e o sr. Leonel Brizola, pelo Partido Trabalhista Brasileiro. Em torno de cada um deles se reunirão outras forças políticas.

Difícil não parece a escolha do eleitorado. Dois sós candidatos e dois candidatos perfeitamente caracterizados. Haverá quem prefira um deles e haverá quem prefira o outro: o que dificilmente se concebe é que haja quem hesite na preferência. Tão diferentes são, não só por sua personalidade, mas também, e principalmente, por suas tendências, tão diferentes são, que a escolha se faz naturalmente.

O candidato da Frente Democrática vale por ser quem é — um democrata sincero — mas vale sobretudo por ser da Frente Democrática. O mesmo se pode dizer do candidato do Partido Trabalhista Brasileiro: vale pessoalmente por ser um demagogo desabusado e vale também pela escola política em que se formou.

Assim, muito mais do que um homem contra outro homem, temos um sistema de vida pública, contra outro sistema, isto é, de um lado a democracia, com todas as falhas que entre nós apresenta, do outro lado a demagogia, com todos os desregramentos a que a levou o populismo. E tudo se poderá dizer contra os dois candidatos, menos que eles não sejam representativos. Enganar-se-á quem quiser, ou quem fôr tão estulto, que não saiba distinguir entre a democracia e a sua perversão, que é a demagogia.

Com isto, tudo estaria dito, se, por deficiência de educação política, muita gente não houvesse que se deixa facilmente embair, gente que, incapaz de julgar os factos, se deixa levar por palavras vãs. Assim acontece com a palavra trabalhismo. É um rótulo que se aplica às coisas mais diversas e, até, contraditórias. Trabalho se diz o britânico e trabalho se diz o brasileiro. E coisa de fazer rir é a aproximação que alguns pretendem fazer entre um e outro: um procura e tem conseguido elevar o trabalhador; o outro simplesmente o explora, quando não o degrada. Mas a maioria da nossa gente não faz tal distinção e deixa-se embalar pela cantiga. Trabalhador sou — raciocinam — portanto trabalhista devo ser.

Vejamos, pois, que trabalho é esse que se personifica no candidato trabalhista ao governo do Estado.

Um dos maiores títulos do trabalho indígena são as instituições de assistência e previdência. Não discutamos o mérito da iniciativa, embora discutível seja. Vejamos, apenas, o que tem feito realmente o trabalho pela assistência e previdência. Transformou os celebrados institutos em organismos parasitários. Do salário dos empregados leva boa parte, a pretexto de assisti-los e ampará-los; dos patrões leva também uma não pequena contribuição, que vem recair inevitavelmente sobre o preço

das mercadorias: mas com o suor do trabalhador erigiu indecorosos instrumentos de politicagem. Quando é necessário arranjar empregos para apaniguados, os institutos abrem amplamente as suas portas; quando é preciso colocar bem um protegido de prol, à mão se encontram os cargos de direção. Para isto e para espoliar os trabalhadores servem os institutos de assistência e previdência, dirigidos e administrados, como têm sido, pelos que se dizem trabalhistas.

Examinemos agora outro aspeto da questão trabalhista. O órgão, por excelência de defesa do trabalhador assalariado é o sindicato. Em toda parte são os sindicatos associações livres, que a lei apenas reconhece. Entre nós, porém, estabeleceu-se a sindicalização oficial e compulsória. E, para dar força e recursos aos órgãos sindicais, criou-se um fundo sindical, e, para o formar e manter, estabeleceu-se o imposto sindical, outra pesada contribuição arrancada ao salário dos trabalhadores. É um sistema vicioso, mas que, apesar de vicioso, poderia funcionar honestamente. Pois, para que tem servido o imposto sindical nas mãos dos trabalhistas? Simplesmente para incríveis dilapidações e bambochatas, custeadas com o suor dos trabalhadores.

Isto, no campo próprio dos proletários: a pretexto de protegê-los, expoliam-nos. Mas a tanto não se limita a ação trabalhista. Postos na alta administração, ou nela exercendo a sua influência, os trabalhistas levam a toda a parte a corrupção. Basta lembrar o caso do pinho ao sul, o contrabando do linho ao norte. Trabalho é, apenas, o mote, com que se assalta o poder, explorando a ingenuidade da massa.

Ilustrativo é, por exemplo, o que se observa nas estações de veraneio. De próceres trabalhistas são muitos dos mais luxuosos carros. Levam eles vida de grãos senhores. É certo que o partido trabalhista, na Inglaterra, tem em seu seio homens ricos e nobres. Mas são altos espíritos que, não obstante as suas condições, se dedicam a uma causa. Poder-se-ão comparar aos não trabalhadores que militam no trabalho nacional?

Estamos aqui apenas procurando caracterizar uma situação. É certo que, no seio deste partido por excelência demagógico, têm militado alguns idealistas. Mas, que têm eles conseguido? Nada, a não ser o esmagamento pela tremenda máquina partidária. Será necessário lembrar, entre outros, Alberto Pasqualini, Lucio Bittencourt, Fernando Ferrari, que inutilmente procuraram dar um nobre sentido ao trabalho nacional?

Tal é o trabalho que, independentemente de seus atributos pessoais, se personifica no candidato trabalhista ao governo do Estado. Não é preciso descer à análise das pessoas, para julgar as candidaturas. O problema fundamental, que o eleitorado riograndense será chamado a resolver no dia três de outubro, é uma opção entre a decência democrática e a corrupção demagógica.